

Agosto / 2020

O mês de agosto poderá ser lembrado com bastante otimismo no mercado, uma vez que alguns dos principais índices e termômetros para a economia alcançaram seus recordes e máximas históricas, como é o caso do S&P500, Dow Jones e o índice de ações globais MSCI World.

Historicamente, o mês de agosto tende a ser mais fraco em comparação a outros períodos no quesito desempenho e performance nos mercados globais, porém se tratando de 2020, onde tudo parece descasar do normal, tivemos gratas surpresas, como as ações americanas tendo o melhor mês de agosto desde 1986, liderado pela forte alta do setor de tecnologia.

O Ibovespa pelo contrário não conseguiu acompanhar a alta dos índices globais, e se manteve estável ao redor dos 100.000 pontos ao longo do mês, fechando agosto em 99.369 pontos. Sobre a taxa de câmbio, o Brasil voltou ao último lugar do ranking, tendo a pior moeda e a pior Bolsa do mundo em performance em 2020. Isso se deve principalmente ao câmbio, dado que o Real deprecia 27% no ano em relação ao Dólar. Em moeda local, o Ibovespa cai (-14%) no ano, próximo de outros países e regiões, como o México (-15%), Europa (-13%) e a China (-11%).

Porém, mesmo com a fuga de capitais dos estrangeiros em 2020 registrando recorde, e as preocupações políticas, fiscais e econômicas, o índice Ibovespa recuperou acima da marca dos 100.000 pontos, mesmo com as oscilações constantes e tem espaço para continuar a sua recuperação.

No cenário político, a relevância no mês foi em torno do quadro fiscal do país, com movimentação no governo para encontrar brechas que permitissem a elevação dos gastos em 2021, que hoje é protegida pelo teto de gastos, onde os gastos aprovados são corrigidos apenas pela inflação do período.

Outro fator contribuiu para o aumento da tensão entre executivo legislativo foi derrubada pelo sinal do veto presencial ao reajuste do servidor até o fim 2021. Entretanto a câmara conseguiu reverter a decisão do Senado e manter o veto. O mês também pautou as constantes especulações sobre a saída do ministro da economia Paulo Guedes que estaria descontente devido a inclinação do governo a uma política fiscal menos incisiva.

O lado econômico, surpreendeu positivamente, com os indicadores de atividade vindo em linha com as expectativas do mercado, o Banco Central adotando políticas monetárias de acordo com as expectativas também contribuíram para gerar um certo otimismo.

O viés otimista dos mercados de risco também teve respaldo na expectativa pelo desenvolvimento de uma vacina eficaz contra o “coronavírus” num prazo menor do que o esperado, diante de uma série de laboratórios em estágio avançado de ensaios com resultados promissores.

Uma vez que a curva de novos casos do coronavírus começou a lateralizar, a flexibilização em alguns estados brasileiros, contribuíram positivamente para a economia.

INTERNACIONAL

EUA

Nos Estados Unidos, criou-se um otimismo maior após declarações do presidente do Federal Reserve (Banco Central americano), Jerome Powell, sobre as medidas que serão adotadas para a recuperação da economia americana.

Tocando no ponto mais vigiado pelos bancos centrais globais, a inflação, o Fed alterou a regra e se comprometeu a deixar as taxas de juros congeladas no longo prazo, trabalhando de agora em diante com um objetivo de inflação média, ou seja, ao invés de trabalhar com um ponto único como meta, o Fed quer poder compensar a inflação em períodos.

Continuaram as pressões sobre a China, apesar do governo declarar que estão cumprindo os acordos comerciais da primeira fase. Porém, reuniões que antes haviam sido remarçadas, agora tem o status de canceladas, e haverá inicialmente apenas reuniões por teleconferência.

Porém, as pressões sobre tecnologia 5G e bloqueio de acesso à gigante Huawei, empresa multinacional de equipamentos para redes e telecomunicações sediada na cidade de Shenzhen, província de Guangdong, na China, continuaram, assim como pressões sobre países aliados dos EUA para exclusão de empresas de tecnologia chinesa.

Os EUA também iniciaram novas sanções contra o Irã e empresas aéreas dos Emirados Árabes, por manterem vínculos não aprovados com o país chinês.

Nos Estados Unidos com o retorno de 1,8 milhões de trabalhadores ao mercado em julho e o suporte financeiro do governo as famílias, diversos indicadores econômicos surpreenderam.

O governo ainda busca um novo pacote de estímulos no valor de um trilhão de dólares, entretanto a aprovação encontra-se paralisada, os republicanos concordam com esse valor mas os democratas querem um valor ainda maior, se aprovado esse valor somará os 2,8 trilhões de dólares já anunciados em programas de enfrentamento aos efeitos da pandemia.

Se analisarmos no gráfico de vendas no varejo nos Estados Unidos atualmente o número se encontra em linha com os encontrados antes da pandemia, o que já indica uma recuperação rápida nesse setor.

ASIA

Na Ásia, onde a recuperação se iniciou antes do resto do mundo, as bolsas continuam registrando altas, mostrando a acelerada recuperação por lá, exceto o Japão, onde o ministro primeiro-ministro Shinzo Abe, renunciou ao cargo por motivos de saúde. Abe estava no poder desde 2012 e deveria seguir até 2021, sendo o principal motivo pela forte queda dos mercados por lá.

Já na China que voltou ao “novo normal” mais rápido por conta de ter obtido um controle mais efetivo da pandemia, o ritmo de recuperação continua forte, tanto os dados de atividade no setor de serviço quanto o setor manufatureiro apresentaram significativa melhora.

Olhando um pouco mais para frente acreditamos que o cenário seja de recuperação ao longo do terceiro trimestre, contudo deve-se acompanhar ainda a evolução da pandemia muito embora o país já esteja preparado para uma possível nova onda ou o surgimento de novos casos, há algumas regiões como a Índia que estão enfrentando o pior momento da pandemia somente agora.

A inflação da China aumentou em agosto. A divulgação do Escritório Nacional de Estatísticas mostrou que o índice de preços ao consumidor chinês subiu 2,4% na comparação anual de agosto, após avançar 2,7% em julho.

Os alimentos tiveram aumento nos preços de 11,2% em agosto em comparação a agosto de 2019, enquanto os de itens não alimentícios avançaram 0,1% no período.

Já o índice de preços ao produtor (PPI) da China sofreu recuo de 2% em agosto ante agosto de 2019, depois de cair 2,4% no confronto anual de julho. Neste caso, a previsão para o último mês era de recuo de 2,0%.

Ao final de agosto, o índice Hang Seng, bolsa de Hong Kong, ficou em queda de 0,96% aos 25.177. O índice Xangai, China, ficou em queda de 0,24% aos 3.395. O índice Shenzhen Composite ficou em queda de 0,44% a 2.295 e o ChiNext ficou em queda de 1,14%. O índice Nikkei 225, bolsa de Tóquio, ficou em alta de 1,12% aos 23.139. O índice FTSE Straits Times, bolsa de Singapura, ficou em queda de 0,28% aos 2.532. O índice Sensex, bolsa da Índia, ficou em queda de 2,13% aos 38.628. O índice Taiex, bolsa de Taiwan, ficou em alta de 1,08% aos 12.591. O índice XJO, bolsa de Sidney, ficou em queda de 0,22% aos 6.060. O índice Kospi, Seul, ficou em queda de 1,17% a 2.326 pontos.

EUROPA

Na Europa, os investidores seguem com o que pode ser considerado o título para esse ano de 2020 nos mercados, aversão ao risco, a bolsa de valores por lá esfriou bastante e os olhares se apontaram para as declarações do Federal Reserve, e a sua nova metodologia com a inflação.

Na zona do euro, o Reino Unido e a União Europeia mantiveram o impasse nas negociações comerciais pós-Brexit e a União Europeia mantém sua posição em relação as instituições financeiras do Reino Unido, que terão que esperar o aval da UE para operarem.

A ata do BCE (BC europeu) divulgada no período deixou aparente que a recuperação econômica da zona do euro não está clara e está explícita a discordância de países com relação à ajuda emergencial aprovada de 1,35 trilhão de euros, querendo que esse seja o teto de ajuda.

A zona do euro registou em agosto uma taxa de inflação anual negativa de -0,2%, face aos 0,4% de julho e aos 1,0% homólogos, segundo uma estimativa a divulgada pelo Eurostat.

A deflação registada em agosto deve-se principalmente às quebras dos preços da energia (-7,8%, face aos -8,4% de julho) e aos bens industriais não energéticos (-0,1%, que compara com os 1,6% de julho)

Ao final de agosto, o índice Stoxx Europe 600 ficou em queda de 0,62% aos 366.51 pontos em Londres; o FTSE-100 (Londres) ficou em queda de 0,61% aos 5.963 pontos; o DAX -30 (Frankfurt) ficou em queda de 0,67% aos

12.945 pontos; o CAC 40 (Paris) ficou em queda de 1,11% a 4.947 pontos; o FTSE-MIB (Milão) ficou em queda de 1,04% aos 19.633 pontos; o Ibex 35 (Madri) ficou em queda de 2,29% a 6.969 pontos; e o PSI-20 (Lisboa) ficou em queda de 0,96% a 4.301 pontos.

MERCADOS DE RENDA FIXA E RENDA VARIÁVEL

No mercado internacional de renda fixa, a volatilidade nos preços manteve-se próxima ao normal após o FED manter o juro próximo de zero e anunciar que assim deverá permanecer por um tempo suficientemente prolongado enquanto a economia doméstica não se consolidar no terreno do crescimento.

Na bolsa de Nova York, o índice DXY, que compara o movimento das seis moedas mais importantes ante o dólar americano, ficou em queda de 0,18% a 92,20. O preço do ouro ficou estável a US\$ 1.975,30 a onça. O euro ficou em alta de 0,25% a US\$ 1,1936 e a libra esterlina ficou em alta de 0,14% a US\$1.3371.

O petróleo referência Brent ficou em alta de 0,62% aos US\$45,56 o barril negociado na bolsa Mercantil de Futuros de Londres. O petróleo WTI ficou em queda de 0,35% e com o barril negociado aos US\$42,82 na bolsa Mercantil de Futuros, Nova York. O preço do minério de ferro negociado no porto de Qingdao, China, ficou em alta de 0,08% a US\$124,47 a tonelada seca.

NACIONAL

ATIVIDADE, EMPREGO E RENDA

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), considerado uma prévia informal do PIB, registrou uma alta de 2,15 % no mês de julho ante junho, revelou o Banco Central, refletindo uma leve recuperação depois da forte retração da atividade por conta da pandemia pelo “coronavírus”. O número não decepcionou, estando dentro das expectativas criadas pelo mercado. Apesar de reportar crescimento em julho, a economia brasileira ainda não se recuperou do tombo registrado nos meses anteriores.

Dados do IBGE apontam que o PIB brasileiro caiu 9,7% no 2º trimestre, na comparação com os 3 primeiros meses do ano, devido ao impacto da crise do coronavírus.

A taxa de desocupação cresceu de 12,4% para 13,1%, atingindo 12,3 milhões de pessoas em julho. No mês, mais 438 mil pessoas ficaram sem emprego, se comparado a junho. A população ocupada caiu para 81,5 milhões de trabalhadores, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Mensal (PNAD).

SETOR PÚBLICO

O setor público consolidado fechou julho com déficit primário de R\$ 81,071 bilhões, de acordo com o Banco Central (BC). Em julho do ano passado, o resultado havia sido deficitário em R\$ 2,763 bilhões.

Os dados do setor público consolidado envolvem governo central (formado por Previdência e Tesouro, além do próprio BC), Estados, municípios e estaduais. Ficam Fora da conta Petrobrás Eletrobras e bancos públicos como Banco do Brasil e a caixa econômica federal.

No ano, o governo registra um déficit de R\$ 483,773 bilhões. Em 12 meses até julho, por sua vez, o déficit alcançou R\$ 537,143 bilhões, o equivalente a 7,48% do Produto Interno Bruto (PIB). Em junho, estava em 6,38% do PIB.

O resultado do mês refletiu um déficit do governo central de R\$ 88,141 bilhões e um superávit de R\$ 6,946 bilhões dos Estados, municípios e suas respectivas estaduais.

Em razão da pandemia, o governo federal decretou estado de calamidade pública, o que permite o descumprimento da meta de resultado primário (déficit de R\$ 118,9 bilhões).

INFLAÇÃO

Puxada pela gasolina e pelo preço dos alimentos, a inflação do país, medida pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), ficou em 0,24% em agosto. Esse é o maior resultado para um mês de agosto desde 2016.

O item de maior peso no IPCA é a gasolina que obteve uma alta de 3,22% com isso fez com que os transportes apresentassem um maior impacto no índice em agosto que teve uma alta de 0,82%. a segunda maior contribuição veio do grupo alimentício com uma alta de 0,78%. Lembrando que os alimentos têm peso de 20% no IPCA

No ano, a inflação acumula alta de 0,70% e, em 12 meses, de 2,44%. Dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e se referem às famílias com rendimento de um a quarenta salários-mínimos.

O INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), que se refere às famílias com rendimento de um a cinco salários-mínimos, registrou alta de 0,36% em agosto, sendo o maior resultado para o mês desde 2012 (0,45%).

No ano, o INPC acumula alta de 1,16% e, nos últimos 12 meses, de 2,94%. No INPC que é um índice que é voltado para as famílias com menor renda, os produtos alimentícios pesam mais, por isso o índice apresenta uma alta superior ao IPCA, por afetar os consumidores com baixa renda e mais necessitados.

CÂMBIO E SETOR EXTERNO

O dólar comercial encerrou o mês de agosto, cotado a R\$ 5,4807 na venda, em meio à deterioração das contas públicas devido ao elevado custo social produzido pela pandemia do “coronavírus”, e os temores dos impactos da paralisação das atividades na economia por um período prolongado. No acumulado do ano, a moeda norte-americana valorizou 36,58%.

A taxa efetiva real de câmbio (TERC) sofreu uma desvalorização menor que a observada na taxa nominal. Em comparação do mês de junho em 2019 e 2020, enquanto a taxa de câmbio nominal desvalorizou-se 34%, a TERC ponderada pelas exportações e pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), por exemplo, sofreu uma desvalorização de 29%

As exportações, em julho, registraram US\$ 19,6 bilhões, ao mesmo tempo que as importações foram de US\$ 11,5 bilhões, com um superavit de US\$ 8,1 bilhões. Esses dados dessazonalizados, apresentam a máxima já registrada, desde a nova série iniciada em 1997.

RENDA FIXA

Para o mercado de renda fixa o Copom até então mantém a taxa Selic em 2% o que corrobora para a percepção dos investidores e alimenta a valorização dos ativos.

O destaque em agosto foi a redução de -3,62% do IMA-B5 +, subíndice que reflete a carteira dos títulos públicos indexados ao IPCA acima de cinco anos e que apresenta a maior duration da família IMA (12,9 anos). No ano, esse subíndice acumula perda de 2,01%. Por serem papéis de prazos mais longos e, desta forma, mais correlacionados às expectativas da economia para o longo prazo, sua queda de rentabilidade pode estar relacionada às dúvidas dos investidores quanto ao encaminhamento da política fiscal, sobretudo em relação à permanência do teto de gastos. Um indicador disso foram as taxas de colocação das NTN-Bs longas deste mês, nas quais todos os vencimentos acima de cinco anos saíram com maiores prêmios em relação aos leilões anteriores. Dados publicados pela ANBIMA.

RENDA VARIÁVEL

No Brasil, ao final, o Ibovespa ficou em queda de 2,72% voltando para os 99.369 pontos. No mês, a desvalorização é de 3,44% e no ano o recuo é de 14,07%. Indicando uma lateralização da bolsa de valores, deixando a impressão de uma recuperação mais demorada, necessitando de alguns gatilhos para se movimentar, boas definições advindas do governo, em relação ao quadro fiscal, podem auxiliar um movimento de recuperação com horizonte mais claro.

PERSPECTIVAS

Finalizando o mês de agosto pautados mais uma vez sobre os efeitos do coronavírus na economia, os principais assuntos giram em torno dos Estados Unidos com as eleições presidenciais se aproximando, o pacote de medidas fiscais para auxiliar a população e como a Europa relatando alguns novos casos de coronavírus.

A maior fonte de preocupação continua sendo nas Américas do Sul, Central e do Norte, onde o contágio e o número de óbitos seguem na direção ascendente. No Brasil, a disseminação do contágio pelo interior do país, ainda que nas principais regiões a escalada do contágio tenha regredido, manteve o número de novos casos em patamares elevados e a retomada da atividade como um todo ainda um tanto reduzida.

A economia doméstica continua ainda muito fraca, com a demanda agregada reduzida e um nível de ociosidade elevado. Contudo, embora repletos de incertezas por todos os lados, os dados recentes de atividade e demanda começam a se consolidar e parece que a situação parou de piorar. Nada que nos afaste de um cenário ruim, contudo nos parece que já há luz no final do túnel, a depender da evolução do contágio. O cenário provável indica que a economia brasileira recuará na casa dos 6%, e a taxa de desemprego progredirá mais alguns pontos, dado que o final do programa de manutenção do emprego e renda está próximo e forçará pequenos e médios empresários a rever seus negócios, colocando assim mais pessoas na fila do desemprego. A boa notícia, caso

retomemos aos rumos pré-pandemia, é que a reação que se prevê na atividade econômica iniciar já em meados do terceiro trimestre, avance e se consolide em 2021. Nessa hipótese, o mercado de trabalho reagirá à frente.

Do lado fiscal, os efeitos da pandemia são devastadores. A disciplina fiscal foi abortada, e as previsões são de que o déficit primário atinja um número próximo dos R\$ 828,6 bilhões em 2020, até certo ponto compreensível diante da situação. Entretanto, a sociedade (leia-se “instituições”) terá que trabalhar duro para que possamos retornar à situação de equilíbrio fiscal, notadamente nas questões que envolvem as reformas que deverão tramitar no Congresso, com destaque para as reformas tributária e administrativa. Caso contrário, estaremos sujeitos a dificuldades em nos financiar com eventual aumento dos prêmios solicitados pelos investidores para rolar a dívida mobiliária. No momento temos a vantagem das taxas de juros se situarem em patamares baixos, mas em um ambiente onde há risco de solvência, a situação passa a ser totalmente adversa.

Diante desse cenário, mantemos nossa recomendação de acompanhamento diário dos mercados e estratégias. Somente movimentar os recursos necessários para fazer frente às despesas correntes, e que sejam resgatados dos investimentos menos voláteis (CDI, IRF-M1, IDKA IPCA 2A). Os demais recursos mantenham-nos em “quarentena” esperando um melhor momento para realocar. Tomar decisões precipitadas pode ensejar uma perda decorrente da desvalorização dos investimentos sem possibilidades de recuperar na retomada do mercado. Para aqueles que enxergam, assim como nós, que estamos diante de uma excelente oportunidade para investir recursos de longo prazo a preços mais baratos, municie-se das informações necessárias para subsidiar a tomada da decisão.

Estratégia de Alocação dos Recursos no Longo Prazo – Renda Fixa e Variável	
<u>Renda Fixa</u>	65%
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture)	15%
Gestão do Duration	25%
Médio Prazo (IRF-M Total, IMA-B 5 e IDKA 2)	20%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1 e CDB)	5%
<u>Renda Variável</u>	30%
Fundos de Ações	20%
Multimercados	5%
Fundos de Participações *	2,5%
Fundos Imobiliários *	2,5%
<u>Investimento no Exterior</u>	5%

* Aos clientes que investem em FIDC / Crédito Privado / Fundo Debênture, utilizar como limite máximo o percentual destinado ao Médio Prazo.

** Aos clientes que investem em Fundos de Participações e Fundos Imobiliários em percentual superior a 2,5% em cada, reduzir a exposição de 15% aos Fundos de Ações na proporção desse excesso.